

## A condição do “ser” na poesia modernista de Drummond e Gullar

Jocicleide Arruda de Freitas<sup>i</sup> 

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil

### Resumo

Este artigo analisa, sob uma perspectiva crítico-literária, como a poesia modernista brasileira representa o sujeito diante das tensões da modernidade. Para isso, foram selecionados os poemas “Os ombros suportam o mundo”, de Carlos Drummond de Andrade, e “Não há vagas”, de Ferreira Gullar, obras que dialogam com contextos de guerra, ditadura e desigualdade social. A investigação, de caráter qualitativo e bibliográfico, realizou leitura analítico-interpretativa dos textos, articulada a estudos críticos sobre o Modernismo e seus contextos históricos. Os resultados apontam que Drummond apresenta um lirismo marcado pela resignação e pela anestesia existencial, enquanto Gullar evidencia um posicionamento engajado, com forte denúncia social. Conclui-se que, embora por caminhos distintos, ambos os poetas traduzem a fragmentação do ser moderno e reafirmam a função social da literatura como espaço de resistência, reflexão e (re)humanização.

**Palavras-chave:** Modernismo. Carlos Drummond. Ferreira Gullar. Poesia social.

### The condition of “being” in modernity in Drummond and Gullar

#### Abstract

This article analyzes, from a critical-literary perspective, how Brazilian modernist poetry represents the subject in the face of the tensions of modernity. For this purpose, the poems “Os ombros suportam o mundo” by Carlos Drummond de Andrade and “Não há vagas” by Ferreira Gullar were selected, as both dialogue with contexts of war, dictatorship, and social inequality. The investigation, qualitative and bibliographic in nature, carried out an analytical-interpretative reading of the texts, articulated with critical studies on Modernism and its historical contexts. The results indicate that Drummond presents a lyricism marked by resignation and existential anesthesia, while Gullar demonstrates an engaged stance, with strong social criticism. It is concluded that, although through different paths, both poets portray the fragmentation of the modern self and reaffirm the social function of literature as a space of resistance, reflection, and (re)humanization.

**Keywords:** Modernism. Carlos Drummond. Ferreira Gullar. Social poetry.

## 1 Introdução

A poesia, uma das formas de expressão mais antigas e universais, tem o poder singular de traduzir emoções, reflexões e visões do mundo em versos que

dialogam com a sensibilidade humana. Em sua essência, a poesia desafia as barreiras do tempo e do espaço, unindo culturas e períodos históricos ao explorar o sentimento humano em suas mais variadas formas. Desde as epopeias gregas até os sonetos clássicos, o poema desempenha o papel de registrar a existência humana, dialogando tanto com o sublime quanto com o trivial, com a esperança e a desilusão. Nesse processo, a poesia se reinventa continuamente, refletindo as transformações culturais e sociais de cada época.

2

Assim como nos tempos antigos, a poesia que havia surgido na antiga cidade na modernidade também nasce outra vez na cidade, porém, dessa vez como Salete de Almeida (2002, p. 40) compara “o poeta moderno se vê projetado no mundo exterior, sabendo que desse mundo poderá fazer apenas uma tradução parcial”. No Modernismo, Baudelaire (2010, p. 35) reconhece essa nova cidade que surge e nela, o homem que mesmo entre multidões permanece solitário.

Que procura ele? Com toda certeza, esse homem, tal como o esbocei, esse solitário dotado de uma imaginação ativa, sempre viajando através do grande deserto de homens, tem um alvo mais elevado que o de um simples flâneur<sup>1</sup>, um alvo mais geral que não o do prazer fugaz da circunstância. Procura alguma coisa que nos será permitido chamar de modernidade, pois não se apresenta palavra melhor para exprimir a ideia em questão.

Em seguinte, essa modernidade, histórica e cultural na cidade, chega à literatura brasileira, como um movimento de ruptura, tanto na forma quanto no conteúdo. A partir da década de 1920, os poetas modernistas buscaram uma nova forma de expressão, libertando-se dos modelos precedidos que eram considerados “limitantes” por esses próprios escritores que buscavam algo novo. Entretanto, mantendo o conhecimento anterior ao formular novas formas de expressão durante essa fase, afinal como Baudelaire (2010, p. 13) coloca:

O passado é interessante não só pela beleza que eles souberam extrair os artistas para os quais ele era o presente, mas também

<sup>1</sup> Flâneur: É um termo francês para “caminhante” ou “observador”, sendo usado por Baudelaire para representar esse homem observador da vida na cidade: “É um eu insaciável do não-eu, que, a cada instante, o traduz e o exprime em imagens mais vivas que a própria vida, sempre instável e fugidia.” (1863, p.13)

como passado, seu valor histórico. O mesmo se passa com o presente. O prazer que extraímos da representação do presente deve-se não apenas à beleza de que pode estar revestido, mas também à sua qualidade essencial de presente.

Em outras palavras, a construção da poesia se desenvolve em um diálogo consigo mesmo e com a tradição que a precede ao recuperar, reformular antigas fórmulas ou temas, a fim de ressignificá-los.

3

Durante esse período, houve a chamada fase de consolidação ou “geração de 30”, que ocorreu entre 1930 e 1945, em que foi um momento de amadurecimento da literatura brasileira, tendo como características temáticas nacionais, regionalistas e sociais, com uma literatura mais crítica a realidade social do país. Dentre esse momento, na produção escrita destacamos a “poesia de 30”, ao qual, Carlos Drummond de Andrade foi um dos principais expoentes dessa nova fase, trazendo para a poesia brasileira uma linguagem mais direta, que captava as angústias e complexidades da vida moderna. Abordou temas do cotidiano, bem como, reflexões metalinguísticas ou questionamentos filosóficos por meio de uma linguagem coloquial da época.

Outro importante nome da poesia moderna brasileira é Ferreira Gullar, cuja obra transita entre o lirismo e o engajamento político. Gullar, destacou-se na Geração de 45, conhecida também como a terceira fase do modernismo, marcada por uma retomada do rigor formal e reflexões existenciais, foi um dos fundadores do movimento neoconcreto, que rompeu com a rigidez do concretismo e propôs uma abordagem mais sensível e subjetiva da arte.

Sua poesia reflete um compromisso com a realidade social e política do Brasil, articulando-se com as transformações do Modernismo tardio, explorando as tensões entre o homem e o ambiente que o cerca. Poemas como os encontrados na obra "Dentro da noite veloz" revelam sua capacidade de capturar o sofrimento humano e as contradições da sociedade brasileira, dialogando diretamente com as tensões do período de ditadura. Essa fusão entre poesia e compromisso social aproxima Gullar dos modernistas que buscavam romper com as formas tradicionais e trazer a experiência humana cotidiana para o centro da criação artística.

Sob esse viés, de poesia moderna, Salete (2002, p. 41) aponta que “Tanto em Poe como Baudelaire a poesia associa-se à inteligência crítica.”. E Carlos Drummond, assim como Ferreira Gullar foram exemplo disso com suas poesias críticas, justamente por suas análises poéticas desde o próprio processo artístico até as situações de mundo, com isso Antonio Candido (2004, p.67, *apud* Lota, 2013, afirma que:

4

O sentimento, os acontecimentos, o espetáculo material e espiritual do mundo são tratados como se o poeta se limitasse, embora o faça de maneira anticonvencional preconizada pelo Modernismo. Este tratamento, mesmo quando insólito, garantiria a validade do fato como objeto poético bastante em si, nivelando fraternalmente o Eu e o mundo como assuntos de poesia (p. 2).

Tanto Drummond quanto Gullar podem ser considerados autores críticos e que transcreveram sentimentos complexos tanto do “eu” como do “mundo”. Com isso, temos como objeto de análise o poema “Os ombros suportam o mundo”, que foi publicado em 1940, dentro da coletânea de poemas que compõem o livro “Sentimentos do mundo” de Carlos Drummond. Na época de publicação, o autor vivenciava o panorama social de alguns anos antes da segunda guerra mundial, e da transição entre segunda e terceira fase do Modernismo brasileiro.

Outro objeto de análise, foi o poema “Não há vagas”, de Ferreira Gullar, escrito em 1963 e publicado em 1973 na obra “Dentro da noite veloz”, que reúne poemas escritos entre 1962 e 1975, esse vivenciou também um cenário social brutal em solo brasileiro, em um mundo pós-segunda guerra mundial e de ditadura brasileira, o mesmo escreveu parte de seus textos no Brasil e ainda durante seu período de exílio em outros países, expressando-se sobre a situação brasileira, assim como bem diretamente a de outros países, como o poema que leva o título do livro, em que discorre sobre a morte do guerrilheiro argentino-cubano Ernesto Che Guevara, acentuando o caráter político da obra.

Sendo assim, o objetivo desse artigo é analisar, a partir, da perspectiva crítica e literária, interpretações dos poemas, os modos como os dois poetas constroem representações do sujeito moderno, evidenciando as convergências e diferenças no tratamento de temas como alienação, anestesia social e engajamento político.

Tendo como relevância o fato de que, ao revisitar produções poéticas de grande valor estético e histórico, amplia-se a compreensão da literatura como instrumento de denúncia e reflexão sobre os dilemas humanos e sociais, além de reafirmar o papel da poesia como expressão crítica diante das transformações culturais da modernidade.

## 2 Metodologia

5

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e analítico-interpretativo, fundamentada na leitura crítica e comparativa de obras literárias. A investigação foi desenvolvida a partir da seleção de dois poemas emblemáticos da literatura modernista brasileira: “Os ombros suportam o mundo”, de Carlos Drummond de Andrade, e “Não há vagas”, de Ferreira Gullar.

O procedimento metodológico envolveu, inicialmente, a revisão de literatura em livros, artigos acadêmicos e ensaios críticos acerca do Modernismo, com especial atenção às fases da Geração de 30 e da Geração de 45. Em seguida, realizou-se a análise textual e temática dos poemas selecionados, buscando identificar elementos estéticos, formais e sociais que expressem a visão de mundo dos autores. A técnica de análise adotada foi a análise crítica do discurso literário, permitindo a interpretação das metáforas, imagens e contextos históricos mobilizados pelos poetas, embasado pelo conteúdo bibliográfico de autores como Baudelaire (2010), Salete de Almeida (2002), Mario Quintana (1990), Villaça (1984) e Lafetá (1982).

Por se tratar de um estudo de cunho bibliográfico e teórico, não houve coleta de dados empíricos com sujeitos humanos, dispensando, assim, aprovação em comitês de ética. Ainda assim, foram respeitados os princípios de integridade acadêmica, mediante a devida citação e referência de todos os autores consultados.

## 3 Resultados e Discussões

### 3.1 Conhecendo o Modernismo em Drummond e Gullar

Mario Quintana, em uma entrevista para o programa Encontro Marcado, disse: “Porque a poesia para mim, não é uma fuga da realidade, como muitos pensam. É um aprofundamento da visão da realidade. [...] A poesia, para mim, é um instrumento de reconhecimento do meu mundo, do mundo dos outros, e talvez, dos outros mundos”. Assim, lembramos que o Modernismo utilizou a poesia como ferramenta crítica para reconhecer e denunciar as circunstâncias sociais da época, permitindo que a literatura se tornasse um reflexo direto dos conflitos humanos e sociais.<sup>2</sup>

A poesia de Drummond se agita entre: sentimento de solidão, o ímpeto de solidariedade com os infortúnios sociais, e então a resignação a esses problemas que agora fazem parte desse mundo moderno, que normaliza a crueldade contra a humanidade. Ainda nesse contexto, o autor aborda algo já mencionado por Baudelaire, ao discutir sobre essa solidão do homem moderno entre a multidão, o mesmo é sufocado por essa anestesia e ausência de empatia. Afinal, como dito por ele:

A solidão é niilista. Penso numa solidão total e secreta, de que a vida moderna parece guardar a fórmula, pois para senti-la não é preciso fugir para Goiás ou as cavernas. No formigamento das grandes cidades, entre os roncões dos motores e o barulho dos pés e das vozes, o homem pode ser invadido bruscamente por uma terrível solidão, que o paralisa e o priva de qualquer sentimento de fraternidade ou temor. Um desligamento absoluto de todo compromisso liberta e ao mesmo tempo oprime a personalidade (Drummond, 1944, p.25; *apud* Castillo, 1964, p. 29).

É como uma dualidade interna, em que se torna libertador a falta de compromisso em sentir a dor do outro, ao mesmo tempo que isso lhe parece deprimir e anular uma parte de si, como Baudelaire (2010, p. 11) diz “a dualidade da arte é uma consequência fatal da dualidade do homem”, dessa forma, seria difícil não assimilar tal confusão escrita com algo tão humano que pode ser vivenciado em tempos de conflitos inquietantes.

---

<sup>2</sup> Mario Quintana. Entrevista. Encontro Marcado. Piratini: TV Educativa, 1990.

Além disso, como mencionado anteriormente a produção literária de Drummond analisada nesse artigo, concebe da conhecida “Geração de 30”, fase cujo contexto histórico foi marcado por crises sociais, econômicas e políticas, dessa forma, trouxe à tona uma poesia mais madura e crítica que buscava refletir sobre a realidade brasileira e os problemas sociais. Esse período compreende o amadurecimento da literatura modernista brasileira, com temas nacionalistas e um foco mais profundo em questões regionais e sociais.

7

Esse cenário, permeado pela iminência da Segunda Guerra Mundial e pela urbanização acelerada, contribuiu para o tom niilista e melancólico da obra drummondiana, em que o sujeito moderno enfrenta uma cidade que, embora cheia de vida, intensifica o seu isolamento emocional. Assim, em meio ao modernismo, viver torna-se, para Drummond, uma condição inevitável, porém exaustiva, onde o ser é confrontado com um mundo de desilusões e se vê forçado a apenas sobreviver, como se o próprio ato de viver se tornasse um fardo.

Após a II Guerra Mundial a imagem de um mundo disperso e fragmentado influenciou diretamente nas produções poéticas, que se tornaram a expressão crítica da negação do mundo, do dilaceramento do ser e da busca de sentido. A poesia, sem rumo, é abafada pela modernidade, e a literatura surge como uma alternativa para a (re)humanização da sociedade, buscando manter um caráter mais crítico e de preocupação social, nesse contexto surge as obras de Gullar, que opera com múltiplas formas expressão em suas obras poéticas. E ele se torna um perfeito exemplar para essa literatura em sua função social, ou seja, a literatura engajada (panfletária) na defesa do “ideário político, filosófico ou religioso”, com o intuito maior de alertar, informar, modificar, denunciar etc.

A obra “Dentro da noite veloz”, esboça certo lirismo e esse protesto, junto a recordação do regime militar. Nessa época, segundo Lafetá (1982, p. 118):

As composições dessa época têm como principal característica a procura de equilíbrio entre a expressão dos sentimentos subjetivos e a comunicação da visão de mundo. A linguagem poética fica mais complexa e – embora tenha abandonado o agressivo sentido experimental do primeiro livro – impressiona pela facilidade com que desentranha do coloquialismo uma atmosfera poética densa,

esplêndida como as pêras maduras, mas tranqüila, sem a sombra do desespero.

8

É incorporado na poesia o individual, ainda que, também ao *outro*, com isso o poeta se põe diante do mundo e de si mesmo, dentro da realidade vivenciada. E assim como Drummond, é expresso o protesto desse indivíduo em meio a cidade, até sua resignação e estado de anestesia com a situação que não há mudanças, formando um ser moderno, a poesia de Ferreira Gullar, pode ser vista como mencionado anteriormente por Baudelaire (2010) marcada pelo conflito do homem em sua fatalidade, e ainda em complemento como Villaça (1984, p. 9) afirma:

Já nasce marcada pela exasperação do contraste entre o indivíduo confinado em seu estado íntimo e a impenetrável mecânica do tempo soprando no tempo. Este é o conflito imemorial, quem sabe nascido com os primeiros mitos e ritos – mas a forma solitária e ainda assim ativa de seu enfrentamento remonta ao nascer do eu moderno, agente histórico dos tempos prosaicos a que Hegel se refere.

O Modernismo, refletido na obra de Drummond e Gullar, revela-se como uma lente sensível e crítica sobre as inquietações humanas diante das transformações sociais, ao caos urbano e à solidão do indivíduo moderno, a poesia emerge como um espaço de resistência, denúncia e reflexão. Drummond, com seu lirismo melancólico, e Gullar, com seu engajamento incisivo, ilustram diferentes facetas dessa condição existencial marcada por conflitos internos e externos.

Assim, a poesia desses dois autores não apenas reflete o desencanto com o mundo, mas propõe, ainda que sutilmente, a busca por (re)humanização e compreensão em meio à fragmentação. Tanto Drummond quanto Gullar conduzem o leitor a um mergulho nas profundezas da experiência humana, onde o lirismo e o protesto se encontram, revelando que, mesmo diante da anestesia moderna, a literatura tenta perdurar como um farol que ilumina as sombras da sociedade e do próprio ser.

### 3.2 Análise reflexiva dos poemas "Os ombros suportam o mundo" e "Não há vagas"

O título do poema já nos dá certa dimensão do que será tratado em suas estrofes, dentro da temática social de quando foi publicado. No caso de “os ombros suportam o mundo”, publicado em 1940, é colocado quase como uma afirmação ao considerar que sim, as pessoas suportam “o mundo”, que poderia ser interpretado como suportar a injustiça e sofrimento, presentes em tempos de guerra. Seguindo com uma estrutura formal simples, com versos livres que é um traço marcante do Modernismo, rompendo com tradições poéticas anteriores a esse movimento, e estabelecendo de forma indireta ou não, um “laço” com o leitor através do coloquialismo na linguagem.

Quanto ao poema “Não há vagas”, esse foi escrito em 1963, podemos ver uma crítica social ainda nesse título, interligado ao desemprego e cenário social brasileiro, presente na época em que foi escrito, mas que pode ser também refletido no presente cotidiano. O poema também contém uma linguagem acessível e que também demonstra certo “laço” com o leitor não apenas por isso, mas também por denunciar o sistema opressor, como mencionado anteriormente. Além disso, sua estrutura é fragmentada, dando ênfase a fragmentação da vida retratada. Entretanto com o decorrer da leitura, esse título também ganha novas perspectivas, como será abordado na análise.

Assim, antes de iniciarmos a análise do poema não podemos deixar de lado o contexto histórico dessas obras, visto que até mesmo o autor pode não recriar a realidade, mas a espelha seja através da negação ou aprovação da mesma, sendo parte de sua criação, assim como Candido (1976, p. 4) comenta “O externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.”. Desse modo, começando por Drummond, já tendo em mente, o contexto da época em que o autor viveu e publicou o texto, é possível notar a dramaticidade do autor ainda em seu título, e logo se localiza de forma incisiva em seu primeiro verso: Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus. Tempo de depuração absoluta.

Aqui, Drummond capta imediatamente o sentimento da guerra que assola o mundo, ao configurar como um tempo “sem Deus” devido à falta de esperança na humanidade, que com “depuração absoluta” perde sua sensibilidade de se indignar com isso. Sentimento esse que é ainda mais fortificado, pelos versos seguintes:

Tempo que não se diz mais: meu amor.  
Porque o amor resultou inútil.  
E os olhos não choram.  
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.  
E o coração está seco. (Drummond, 2018, p. 99)

Nesses versos, o poeta coloca que o amor não foi suficiente para mudar essa realidade, e o único que resta a fazer é seguir seu trabalho cotidiano, ainda que no automático, visto que, apenas suas “mãos tecem o rude trabalho”, enquanto já estava cansado de lamentar após acompanhar as angústias e os sofrimentos humanos, apontando que o indivíduo se torna praticamente insensível para lidar com essa situação ao mencionar “o coração está seco”. Todo esse estado anestesiado do sentimentalismo atrelado ao paralelismo com a conjuntiva aditiva “e” durante os versos.

Podemos relatar o impacto da guerra mesclado à multidão da cidade grande, essa multiplicidade que parece não acarretar sentido nenhum se interliga a versos de outro poema do mesmo livro, “Canção do berço” (Drummond, 2018, p. 93):

O amor não tem importância.  
Mas também a carne não tem importância.  
Também a vida é sem importância.  
Os beijos não são importantes

Em seguida, o poema segue adentrando aos sentimentos mais sombrios durante a potencial chance de continuidade daquele tempo de receios e dor. Mesmo que haja receios, os versos parecem expressar o desinteresse com tudo, como resignação a situação vigente, ainda que, dessa maneira termine em solidão, um tanto quanto deprimente como colocado em “ficaste sozinho, a luz apagou-se”. Ainda nessas frases, é possível indagar que parece estar sendo dirigido a alguém, se notarmos a presença do “tu”, que poderia ser o sujeito que se isolou.

Em vão as mulheres batem à porta, não abrirás  
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,  
Mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.  
És todo certeza, já não sabes sofrer.  
E nada espera de teus amigos. (Drummond, 2018, p. 99)

Nesses dois últimos versos, é expresso na tentativa de se isolar também de se proteger contra o sofrimento, ao ser dito que não sabe mais sofrer, além de não haver mais expectativas com o outro, no caso referenciado aos “amigos”. Em contrapartida as duas primeiras estrofes, a terceira e última é mais longa, em que coloca o eu-lírico na posição de um indivíduo que vive neste tempo. Com isso, marca-se a ausência da solidariedade no homem moderno

No trecho, “Pouco importa venha a velhice, que é a velhice? \ Teus ombros suportam o mundo \ e ele não pesa mais que a mão de uma criança.” (Drummond, 2018, p. 99). Aqui, a velhice deixa de ser um incômodo a partir do momento que se perde a perspectiva para um futuro, o fazendo refletir que só há aquele presente, cheios de conflitos e guerras, e nada mais. Ademais, pouco importaria essa passagem dos anos, visto que, não sente mais nada, ou melhor, tomou consciência de conviver apenas o peso que lhe cabe e não dos problemas e sofrimento de toda a humanidade, por isso, agora o sente leve e consegue suportar, pois a parte que lhe cabe é tão leve quando a mão de uma criança. Podemos ainda, interligar esse trecho ao poema “Mundo grande” do autor, em que expressa o mesmo tipo de emoção com relação aos sentimentos que consegue ou não guardar em si:

Não, meu coração não é maior que o mundo.  
E' muito menor.  
Nele não cabem nem as minhas dores.  
Sim, meu coração é muito pequeno.  
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios  
provam apenas que a vida prossegue  
e nem todos se libertaram ainda.  
Alguns, achando bárbaro o espetáculo  
prefeririam (os delicados) morrer. (Drummond, 2018, p. 107)

Segue-se o pensamento que não há mais espaço para sensibilidade, ao ser comparado as desgraças mundiais a discussões corriqueiras dentro dos edifícios,

como uma banalização desses problemas maiores ao assemelhá-los a coisas tão simples. Como colocado por Castilho (1964, p. 27):

CDA mais que ninguém soube pintar a dramaticidade do isolamento em que anda metido o homem moderno, rodeado de milhões de semelhantes hostis, e contudo tão solitário como o boi no campo. Paradoxalmente, é nas instituições humanas mais vinculadas ao senso do coletivo (ruas, edifícios de apartamentos, multidão, etc.) que vamos encontrar o homem só, opressivamente só.

12

É comentado a crueldade dos conflitos, e ainda as poucas pessoas que seguiam assistindo aquilo, mas sem estar no estado de anestesiado mencionado anteriormente, nesse trecho “os delicados” são os que ainda sentem as mazelas individuais ou coletivas vivenciadas naquele mundo que experienciava a modernidade, ainda que esse sentimento os levasse ao desespero e desejo de chegar ao fim da vida.

Por fim, “Chegou um tempo em que não adianta morrer. \ Chegou um tempo em que a vida é uma ordem. \ A vida apenas, sem mistificação.” (Drummond, 2018, p.99), o poema indica que o tempo é de resignação, sendo possível apenas prosseguir, ou seja, sobreviver. “A vida é uma ordem” e deve ser vivida de forma simples, focada no momento presente, como se não existisse passado ou futuro, vida apenas, “A vida apenas, sem mistificação”, retomando os primeiros versos do poema, e a uma vida que só aceita o que ocorre, mas não busca sentido ou sentimentos na mesma, vivendo no automático como uma máquina criada na modernidade.

Seguindo para o poema de Gullar, o mesmo trata em seu escrito problemas sociais da classe trabalhadora e mais baixa, bem como, também provoca escritores que não tematizavam esses mesmos problemas na época, assim como colocado por Lafetá (1982, p. 101) “Ferreira Gullar cobra dos artistas, a cada instante, a consciência do subdesenvolvimento, do imperialismo e da luta de classes como condição concreta para a representação estética válida da sociedade brasileira”. Sendo assim um poema com dupla crítica, porém, neste artigo trazemos uma visão a mais desse poema, semelhante a interpretação observada na obra de Drummond, vista anteriormente.

O preço do feijão  
Não cabe no poema. O preço  
Do arroz  
Não cabe no poema.  
Não cabem no poema o gás  
A luz o telefone  
A sonegação  
Do leite  
Da carne  
Do açúcar  
Do pão (Gullar, 1976, p.38)

Assim, temos então a primeira estrofe do poema que Gullar que faz sua denúncia ainda no início, com a distinta liberdade de expressar-se sem pontuação em muitos versos, herança do Modernismo. O manifesto claro sobre materiais e alimentos essenciais para sobrevivência, ainda no meio dele acompanhada pela palavra “sonegar” que pode ser vista como impedimento ou ainda “fraude”/“furto” que impedem que o mínimo para uma vida decente chegue à população.

O funcionário publico  
Não cabe no poema  
Com seu salário de fome  
Sua vida fechada  
Em arquivos.  
Como não cabe no poema  
O operário  
Que esmerila seu dia de aço  
E carvão  
Nas oficinas escuras (Gullar, 1976, p. 38)

Na segunda estrofe, o autor amplia a crítica ao abordar a invisibilidade do trabalhador comum na poesia e na sociedade. O funcionário público, com “seu salário de fome” e “vida fechada em arquivos”, simboliza a desumanização e a rotina burocrática que aprisiona o indivíduo em um ciclo sem perspectivas. A metáfora do operário que “esmerila seu dia de aço e carvão / Nas oficinas escuras” reforça a dureza e o desgaste físico da classe operária, cujas jornadas exaustivas moldam não apenas o aço, mas também a própria existência. Nesses versos, podemos interligá-los ao poema de Drummond, ao vermos a mesma sensação de

desumanização da vida, pessoas que apenas aceitam seus destinos anestesiadas pela “dureza” da vida, seguindo sem perspectivas como uma “máquina automática da modernidade”: “— porque o poema, senhores, Está fechado: ‘não há vagas” (Gullar, 1976, p. 38).

Gullar ironiza a burocracia e o elitismo, sua crítica sugere que a arte muitas vezes ignora a realidade concreta das massas. O poema, crítica justamente a alienação dos próprios poetas de sua época, mas que também pode ser muito bem empregado ao presente, aos quais, não “abrem espaço” para a denúncia social em suas produções. Assim, esse poema segue não apenas refletindo sobre o indivíduo aparte, mas ele como parte da sociedade, Lívia Fortes (2008, p.189) fez um apontamento sobre em outro poema do autor, intitulado “Poema sujo”, é um dos mais famosos, porém, poderíamos também utilizar essa reflexão para nossa interpretação do presente poema, assim a pesquisadora diz que Gullar realiza um:

Reencontro do eu com o mundo, entre o pessoal e o comunitário, a experiência vivida pode ter sido a indutora da obra, de maneira a refletir sobre a consciência de que a universalidade da sua condição humana antes passa pela singularidade da sua condição histórica. (Fortes, 2008, p. 189)

Dessa forma, conseguimos articular essa afirmação com a interpretação seguida desde o início deste artigo, em que pudemos enxergar nessa estrofe como uma falta de espaço para o “ser”, não há vagas para sua sensibilidade com as mazelas da sociedade, assim como não há espaço para o mesmo tentar comunicar, expressar tais dificuldades, restando aceitar que “está fechada” a porta para sentir e se expressar, o que se deve fazer é seguir a vida.

Só cabe no poema  
O homem sem estomago  
A mulher de nuvens  
A fruta sem preço (Gullar, 1976, p. 39)

A terceira estrofe apresenta uma forte carga irônica e amarga. O poema só permite “o homem sem estômago”, “a mulher de nuvens” e “a fruta sem preço”, em

outros termos, “o homem faminto”; “a mulher fútil” e “a comida cara”. O poema de Ferreira Gullar está fechado e com intuito de expor as mazelas sociais.

Por fim, ao afirmar na última estrofe que “o poema, senhores, não fede, nem cheira” (Gullar, 1976, p. 39), Gullar expõe a desconexão entre a arte e a realidade brutal, criticando a esterilidade de uma poesia que se distancia do povo. Essa estrofe finaliza a obra com um tom ácido, desafiando o papel do poeta e a função da literatura em tempos de desigualdade. Porém, ainda podemos conectar esse final aos últimos versos do poema de Drummond visto anteriormente, que diz: “Chegou um tempo em que não adianta morrer. /Chegou um tempo em que a vida é uma ordem. /A vida apenas, sem mistificação.”; interpretando esse encerramento de Gullar na mesma esfera que a de Drummond, ao pensarmos que é isso que o ser se vive enquanto a vive em um mundo moderno, um lugar como um limbo de aceitação de que não há mudanças que levem a uma evolução, na sociedade, ainda que, percebam as dificuldades do outro, as pessoas não se movem para ajudar, estão anestesiadas e continuam assim sem sentir mais sua sensibilidade, sua vida “nem fede, nem cheira”, tanto faz existir ou não, é indiferente. O poeta coloca ao mesmo tempo certa dualidade, como aponta Villaça (1984, p. 69):

A busca poética de Gullar vai-se fazendo entre esse desejo de fixidez, de autorreconhecimento, e a fatalidade de um mundo múltiplo, móvel, indeterminável. A expressão de sua poesia quer agora traduzir, a um só tempo, o desejo e a fatalidade [...] Como linguagem, é sentida em seu poder de revelar e encobrir [...].

Contudo, ao recapitularmos os poemas analisados, em termos gerais, concluímos que Drummond em seu poema faz uma metáfora para o peso da existência que o ser moderno carrega, ainda que sem querer. Nisso, demonstra à exaustão que afeta sua sensibilidade e seu desejo de revolução, sendo compelido a apenas aceitar lidar com os seus respectivos problemas e com a realidade vigente. A realidade é o concreto, o tempo é de crueldade, e a relação do “eu” e o mundo é modificada pelo reconhecimento de que não poderia mudar tal realidade, só poderia seguir sobrevivendo. Porém, como dito por Castilho (1964, p. 27), “pode-se afirmar

que o universo poético drummondiano se agita entre dois polos: sentimento de solidão / ímpeto de participação e de solidarização.”

Já em Gullar, também vemos o indivíduo em uma sensação de exclusão e impotência contra as crises sociais, mas que, ainda há nele uma crítica mais evidente, ainda podemos interpretá-lo como um indivíduo preso ao desejo de mudança, mas que, nunca é atendido ou ouvido, permanecendo em sua realidade observando a vida, sobrevivendo assim como o “eu” de Drummond ao mundo que agora vive em uma sociedade com a empatia perdida pelo Modernismo, que mesmo soando como libertário, se coloca ainda preso à ordem do cotidiano, ainda que tente reivindicar justiça, termina sem novas perspectivas.

#### 4 Considerações finais

Drummond incorpora os princípios da modernidade ao capturar a vida presente daquela época, ao retratar a condição humana de maneira direta e despojada, refletindo a experiência de uma sociedade em constante transformação. Em seu poema "Os ombros suportam o mundo", o escritor explora a resignação e o peso da existência moderna, oferecendo uma visão crua e poética do desencanto com o mundo.

Durante a leitura pudemos observar uma visão lúgubre do ser humano moderno, que se vê aprisionado em um mundo desprovido de sentido e empatia. A análise demonstra como o poeta captou a essência do Modernismo brasileiro ao expor a alienação e a desesperança com simplicidade e profundidade, uma visão sombria e resignada da existência humana na era moderna, confrontando o leitor com o peso de uma realidade anestesiada pelas crises e pelo desencanto. Assim, sua poesia não apenas reflete a condição do homem moderno, mas também oferece uma crítica ao esvaziamento emocional e à insensibilidade da vida contemporânea.

Portanto, o poema revela a desilusão do sujeito moderno, que, ao viver em um ambiente social impessoal e violento, vê-se tomado pela impotência e pela solidão, mesmo em meio a multidões. A análise destaca que Drummond expõe uma fragmentação existencial, um afastamento emocional onde a rotina se torna um

anestésico e a sobrevivência se resume a uma resposta mecânica à vida. Assim, a obra cumpre seu papel modernista, traduzindo a complexidade e as contradições do ser em meio a uma sociedade marcada por crises e isolamentos emocionais, capturando a essência do homem moderno, fragmentado e alienado, enquanto sozinho mesmo rodeado de pessoas, porém mais do que isso resignado a suportar o peso do mundo.

Quanto Gullar, o mesmo aborda a brutalidade da desigualdade social e a invisibilidade da sociedade para determinados problemas de classes, assim, recapitulando o mesmo sentimento de desesperança visto em Drummond, ainda que, mantenha em sua obra um senso de buscar mudança mais ativo. O autor consolida o sujeito moderno ainda sob uma visão tensa e sentindo a necessidade de mudança na sociedade.

Através da análise das produções poéticas de Carlos Drummond de Andrade e Ferreira Gullar, foi possível perceber como a literatura modernista se consolidou como um reflexo das tensões e angústias do homem moderno, inserido em um cenário de profundas transformações sociais, políticas e econômicas. A poesia de ambos os autores transcende o campo estético, assumindo uma função social e crítica, onde o eu-lírico se torna um porta-voz das inquietações coletivas, revelando o desconforto e o desamparo diante de um mundo fragmentado e desigual.

Contudo, o percurso traçado por este artigo revela que, enquanto Drummond traduz o sentimento de solidão e alienação do indivíduo moderno, Gullar vai além e reivindica um lugar para a poesia engajada, que não apenas reflete a realidade, mas também tenta confrontar. Essa intersecção entre o subjetivo e o coletivo é um traço marcante nas obras dos dois autores, consolidando a ideia de que a poesia modernista brasileira, longe de ser uma fuga, é uma ferramenta de enfrentamento e de busca por justiça, demonstrando a vontade de mudança dentro desse “ser” já consolidado em sua anestesia pelos sentimentos do mundo, suportando tudo e esperando abrir vagas para transformações.

## Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. "Canção do berço". In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do mundo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2018.

ANDRADE, Carlos Drummond de. "Os ombros suportam o mundo". In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do mundo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2018.

BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna**. 1. ed. São Paulo: Autêntica, 2010. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 31 out. 2024.

CARA, Salete de Almeida. **A poesia Lírica**. 4 ed. São Paulo: Átua, 2002.

CASTILHO, Ataliba T. "**A poesia de Carlos Drummond de Andrade**." Alfa: revista de linguística (1964).

Mario Quintana. Entrevista. Encontro Marcado. Piratini: TV Educativa, 1990.

FORTES, Livia S. O trabalho da escritura e rememoração de Ferreira Gullar em Poema sujo (1975) durante o exílio (1971-1977). In: BRITTO, Clóvis C.; SANTOS, Robson dos (orgs.). **Escrita e sociedade: estudos de sociologia da literatura**, 2008, p. 189.

GULLAR, Ferreira. "Não há vagas". In: Gullar, Ferreira. **Dentro da noite veloz**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1976.

LAFETÁ, João Luiz. Traduzir-se (Ensaio sobre a poesia de Ferreira Gullar). In: **O nacional e o popular na cultura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LOTA, Roberto de Andrade. ENGENHARIA MODERNISTA—A POESIA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE—ABRALIC. **Anais do XIII Congresso Internacional da ABRALIC: Internacionalização do Regional**. UEPB—Campina Grande, PB, 2013.

VILLAÇA, A. **A poesia de Ferreira Gullar**, 1984.

---

<sup>i</sup> **Jocicleide Arruda de Freitas**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6112-0546>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Graduada em Letras - Espanhol pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2024). Atualmente, graduanda no curso de pedagogia pela UERN, bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET Pedagogia (SESU\MEC).

Contribuição de autoria: Autoria

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4024057794459130>

E-mail: [jocifreitas19@gmail.com](mailto:jocifreitas19@gmail.com)

---

**Editora responsável:** Arliene Stephanie Menezes Pereira Pinto

Recebido em 25 de setembro de 2025.

Aceito em 26 de outubro de 2025.

Publicado em 04 de novembro de 2025.

19

**Como citar este artigo (ABNT):**

FREITAS, Jocicleide Arruda de. A condição do “ser” na poesia modernista de Drummond e Gullar. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 6, n. 1, 2025.